

RESENHA

MOMIGLIANO, A. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru/SP: Edusc, 2004, 228.

USOS DO PASSADO E ESCRITA DA HISTÓRIA

Diogo Da Silva Roiz¹

ROIZ, D. da S. Usos do passado e escrita da história. **Akrópolis**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 93-95, jan./jun. 2014.

Na década de 1960, percebendo que ‘toda história é uma história contemporânea’, por que escrita por homens do presente, a respeito de homens do passado, ideia cara a Croce, que Arnaldo Momigliano sublinharia ainda que, além disso, ela também pode ser fruto de diferentes usos e abusos. Para abordar esse tema, o autor procurou perscrutar quais as raízes clássicas da historiografia moderna, ou para dizer o mesmo, que inspiração, apoio e referências os historiadores modernos tiraram dos antigos; quais leituras fizeram de suas obras, e como as usaram em seu presente histórico, até, em alguns casos, como forma de justificar seus projetos de ação e de escrita da história.

De início, fruto de suas conferências proferidas nos anos iniciais da década de 1960 na universidade da Califórnia, em Berkeley, depois retrabalhadas, elas consistiam em questionar quais as relações entre a historiografia persa, grega e a judaica, e por que a grega prevaleceu; por que Tucídides e não Heródoto se tornou o historiador mais autorizado da Antiguidade; como os antiquários se apropriaram da historiografia clássica e que contribuições trouxeram para a pesquisa histórica; como houve a importação da historiografia grega em Roma e de que maneira ocorreu a romanização desta; qual o lugar de Tácito no pensamento histórico e como a historiografia eclesiástica conseguiu forjar uma tradição própria.

Para ele, a “historiografia grega pagã era muito mais vital e desafiadora”, do que a judaica, e os “historiadores eclesiásticos cristãos, ainda que inevitavelmente influenciados por Daniel e por Josefo, adotaram em última análise os métodos da historiografia pagã” (p. 51), mas não completamente, por deixarem a historiografia política grega. Como observa, a historiografia grega não era meramente cíclica ou a-histórica, como muitos historiadores sublinharam, a partir de uma grande generalização dos historiadores gregos. De acordo com ele:

Os homens escrevem a História quando querem registrar acontecimentos em um quadro cronológico. Todo registro é uma seleção, e ainda que uma seleção de fatos não implique necessariamente em princípios de interpretação, muitas vezes é o que acontece. Acontecimentos podem ser escolhidos para registro porque tanto explicam uma mudança ou apontam para uma moral como indicam um padrão recorrente. A conservação da memória do passado, o quadro cronológico e uma interpretação dos acontecimentos, são elementos de historiografia

¹Professor do curso de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na unidade de Amambai. Doutor em História pela UFPR, onde está fazendo estágio de pós-doutorado. E-mail: diogosr@yahoo.com.br

que são encontrados em muitas civilizações. [...] O que me parece ser tipicamente grego é a atitude crítica com relação ao registro de acontecimentos, isto é, o desenvolvimento de métodos críticos que nos permitem distinguir entre fatos e fantasias. Até onde vão meus conhecimentos, nenhuma historiografia anterior à dos gregos ou independente desta, desenvolveu estes métodos críticos; e nós herdamos os métodos gregos (p. 54-55).

As referências aos fatores que contribuíram para o descrédito de Heródoto são muitas, mas a principal foi a maneira que Tucídides se colocou como crítico de seu método, e inaugurador de outro. Em vista disso, a “história política – história ‘tucidideana’ – continuou sendo a história por excelência para a maioria dos antigos” (p. 75). No entanto, não podemos deixar de lado, que a “etnografia moderna tinha nascido como uma continuação consciente do trabalho feito por Heródoto e por outros geógrafos e etnógrafos da Antiguidade”, visto que “entre os autores que sobreviveram da Antiguidade, [ele foi] o que mais viajou – mais até do que Políbio – e também o que fundamentou sua narrativa menos em livros já existentes, ele se tornou a grande inspiração para o verdadeiro viajante em oposição ao historiador de gabinete” (p. 81). Mas, o certo é que na “atual situação é que os dois rivais da Antiguidade – Heródoto e Tucídides – são reconhecidos como os dois grandes fundadores da pesquisa histórica” (p. 83).

Para ele, poderíamos resumir em cinco pontos as contribuições da pesquisa e da historiografia helenística, a saber: “edição e ao comentário de textos literários [...] a coleção de tradições antigas sobre cidades individuais, regiões, santuários, deuses e instituições específicos [...] a descrição sistemática de monumentos e a cópia de inscrições [...] a compilação de biografias eruditas, e a quinta é a cronologia” (p. 102). No entanto:

Com o desaparecimento gradual da abordagem tucidideana, ou política da história, a história não está mais confinada aos acontecimentos políticos. Tudo agora é suscetível de ser história, como quando Heródoto iniciou todo esse negócio da história. Nesse sentido, o antiquariato, sendo uma contrapartida da abordagem política da história, está agora morto. Mas a tarefa de descrever sistematicamente as instituições e as crenças não é algo que possa ser facilmente descartável

como inútil. O surgimento da sociologia está certamente relacionado com o declínio do antiquariato porque a sociologia é a herdeira legítima dos estudos antiquários. Está claro que a relação de três lados entre a filosofia, o antiquariato e a história perfeita está agora sendo substituída pela relação entre filosofia, sociologia e história. Hípias teve como um sucessor em Comte, e a recusa obstinada de Mommsen em abandonar a abordagem antiquária pelas instituições romanas foi reivindicada por seu discípulo Max Weber. Neste sentido, o antiquariato está vivo e ainda ouviremos falar a seu respeito (p. 116-17).

A origem da história nacional na obra de Fábio Píctor é outro ponto interessante em sua análise, por que procura mostrar tanto a maneira como este abordou o tema, quanto à forma como fincou raízes na posteridade, cuja fortuna crítica até hoje nos é próxima. Mas, nesse íterim:

Não devemos culpar Fábio Píctor se em sua luta contra a superstição e o tradicionalismo voltou-se para os gregos de sorte a desacreditar os pontífices romanos. O classicismo nunca é tão perigoso quanto o tradicionalismo. Além disso, o resultado dos esforços de Fábio foi, talvez, mais original do que ele mesmo esperava. Os anais que ele produziu inauguraram um novo tipo de história nacional, menos antiquária do que as crônicas dos estados gregos, mais preocupada com a continuidade das instituições políticas do que a maioria das histórias gerais gregas que conhecemos (p. 154).

Outro ponto instigante em sua análise é que, apesar dos evidentes méritos de Tucídides em abordar e definir um tipo de história política, sem a grande contribuição de Tácito em criar uma tradição continuada sobre o estudo do político, por meio de sua obra, este não teria feito uma fortuna crítica tão próspera. Igualmente devemos ter em mente que a história eclesiástica também deixou raízes profundas sobre o modo de fazer história dos modernos, em especial na forma como pensaram a análise do processo histórico, de modo a encadear suas relações no tempo como desdobramentos de um percurso linear, cujo sentido já estaria previamente dado.

Por isso, devemos observar que a “antiguidade não criou apenas um tipo de história”, mas vários, que se cruzariam com nossa própria interpretação do passado. Da história política, a biográfica, a nacional, até a filosofia da história

cristã, muitos percursos teriam fortunas críticas, até inesperadas, na modernidade, por que se muitos focos de análise realmente foram alterados, houve continuidades também evidentes em muitos pontos, e que ligariam os antigos até os antiquários, e destes até nós. Apesar da “moderna filosofia da história – em bases cristãs – e os modernos métodos históricos – em bases clássicas – nunca t[erem] entrado bem em acordo” (p. 217), como notaria.

Desse modo, ao analisar em quais pontos a historiografia clássica deixaria raízes profundas na moderna, como no trato com a história política, a biografia, a história nacional e a filosofia da história, também daria indícios de que forma em cada momento histórico se plasmariam usos diversos e originais do passado no presente. E ao fazer isso de modo tão competente, sua própria obra deixaria raízes na posteridade, por também projetar, ainda que inesperadamente, uma tradição de pesquisa historiográfica, em que temáticas como o estudo dos usos do passado no presente, já constitui uma linhagem de pesquisas significativamente considerável.